

ALVES, Adnã Ionara Maria. **Museologia social e as “escrevivências” de Conceição Evaristo: Uma reflexão a partir da experiência no Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA**. Campinas: Unicamp. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP; Mestrado. Orientadora: Mariana Baruco Machado Andraus. Professora e Dançarina.

### RESUMO

Este ensaio busca uma breve reflexão a partir da experiência na participação da mesa “Epistemologias do sul, teatro e museologia social: caminhos para descolonizar saberes”, integrada ao VII Seminário Interno de Pesquisas MARIO SANTANA - PPG Artes da Cena - IA – UNICAMP. Na tentativa de iniciar um diálogo entre os conceitos de “escrevivências” cunhado pela escritora Conceição Evaristo e o conceito de Museologia Social a partir da leitura da Profa. Dra. Juliana Siqueira.

### ABSTRACT

This essay seeks a brief reflection from the experience in the participation in the table "Epistemologies of the South, theater and social museology: ways to decolonize knowledge", integrated to the VII Internal Seminar of Research MARIO SANTANA - PPG Arts of the Scene - IA - UNICAMP. In an attempt to initiate a dialogue between the concepts of "escrevivências" coined by the writer Conceição Evaristo and the concept of Social Museology from the reading of Dr. Juliana Siqueira

*A roda dos não ausentes<sup>1</sup>*

*O nada e o não,  
ausência alguma,  
borda em mim o empecilho.  
Há tempos treino  
o equilíbrio sobre  
esse alquebrado corpo,  
e, se inteira fui,  
cada pedaço que guardo de mim  
tem na memória o anelar  
de outros pedaços.  
E da história que me resta  
estilhaçados sons esculpem  
partes de uma música inteira.  
Traço então a nossa roda gira-gira  
em que os de ontem, os de hoje,  
e os de amanhã se reconhecem  
nos pedaços uns dos outros.  
Inteiros.*

---

<sup>1</sup> EVARISTO, 2017.

Oito de maio de dois mil e dezenove. Devoro um salgado e parto em disparada, rumo a mais um dia de Seminário no Paviartes<sup>3</sup>. Entro. Sento. Mal me ajeito e já me esbarro no primeiro eco: “– *Balbúrdia! Cadê o Minc? Cadê o Queiroz?*”<sup>4</sup> Engulo seco. Chega o segundo: “– *Barbárie! 30% de cortes nas Universidades! 50% de cortes nas Universidades! Travestí morta a pauladas! Fim da previdência! 80 tiros, 80 tiros! Descomunal aumento dos feminicídios...!*”<sup>5</sup> Meu estômago embrulha. “– *Mas vai, me fala, qual o impacto do seu artigo no Google Academic?*”<sup>6</sup> Pausa. A cabeça começa a queimar. Num rompante, feminismos primaveris começam a entoar na sutileza voz suas leituras e escritas de mundo. Florada. Escuta do sensível. Eis que trombo no último eco: “– *Museologia Social, outiva da memória!*”<sup>7</sup>

O VII Seminário Interno de Pesquisas MARIO SANTANA do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena - IA – UNICAMP ocorreu dos dias 07 a 10 de maio de 2019. Este ano, o cerne do Seminário estruturou-se em atividades permeadas pelo tema “teoria e prática”. No dia 08 de maio, A Profa. Dra. Verônica Fabrini, juntamente com a Pós-doutoranda Erika Cunha e as Doutoradas Luciana Mizutani e Ana Flávia Felice propuseram a mesa “Epistemologias do sul, teatro e museologia social: caminhos para descolonizar saberes”, onde as principais convidadas à atividade eram as integrantes do coral do Grupo Primavera, ONG residente na periferia do Jardim São Marcos-Campinas/SP.

A mesa, através do discurso de epistemologias não hegemônicas, sejam elas do *sul*, feministas e/ou populares, buscou a abordagem de uma outra perspectiva da pedagogia da cena: uma pedagogia decolonial a partir da reconhecimento e valorização dos saberes locais. Isto é, uma pedagogia capacitadora do empoderamento, conscientização e reconhecimento do indivíduo nas artes. O desenvolvimento da mesa foi de encontro aos conceitos expostos pelas propositoras: Uma atividade onde o sujeito da explanação de saberes de suas releituras e escritas de mundo sob o filtro do reconhecimento do ambiente do em

---

<sup>2</sup> Nascida e criada na favela do “Pendura Saia” em Belo Horizonte, a escritora e contista Conceição Evaristo (1946), tem sua vida estruturada em memórias e lembranças atravessadas pela sua infância e juventude em situação de miséria e luta. Gestada num berço familiar feminino e sólido, teve a ficção e as histórias ouvidas como base de sobrevivência frente a realidade enquanto mulher negra, pobre e periférica – é a partir de sua condição de mundo que a autora tece, enxerga e narra a sua bibliografia.

<sup>3</sup> Instituto de Artes sediado pelos Departamentos de Artes Cênicas e Artes Corporais da UNICAMP. R. Pitágoras, 500 - Cidade Universitária, Campinas – SP.

<sup>4</sup> Profa. Dra. Verônica Fabrini na mesa “Epistemologias do sul, teatro e museologia social: caminhos para descolonizar saberes” no VII Seminário Interno de Pesquisas MARIO SANTANA - PPG Artes da Cena - IA – UNICAMP. Paviartes, 08 de maio de 2019.

<sup>5</sup> Ibid

<sup>6</sup> Ibid

<sup>7</sup> Ibid

que se vive eram garotas periféricas, em sua maioria, negras. Trajetórias periféricas, feministas, juvenis e sonhadoras: *Sansa Kroma*<sup>8</sup>.

Todavia, um dos caminhos propostos na instrumentalização dessa outra perspectiva de pedagogia da cena é a museologia social:

A Museologia Social pode ser definida como uma área de estudos e práticas dedicada a compreender e promover a apropriação dos meios de produção e gestão do patrimônio integral de uma comunidade (abarcando aspectos culturais, naturais e sociais, nas dimensões materiais e imateriais). Da mesma forma, ela trabalha para reconhecer e fortalecer as práticas culturais libertadoras desenvolvidas por coletivos e grupos sociais por meio do diálogo solidário de saberes. (SIQUEIRA, 2016, pag. 85).

A museologia social atua na escuta da memória, no carregamento de bens simbólicos na busca da valorização das memórias privadas onde a singularização da identificação do que elas guardam torna-se essencial para a composição de uma memória coletiva. Assim, através das lembranças e da transmissão de saberes e das “potencialidades comunitárias, podemos (re)localizar a experiência educativa e compreendê-la como uma dimensão essencial da afirmação das existências, do fortalecimento da resiliência e da produção do Bem-Viver.” (SIQUEIRA, 2016, pág.86). No campo das validações epistemológicas, a museologia social age como um princípio metodológico, uma espécie de balizadora dos saberes: ela conduz o tempo histórico e o espaço sociocultural na compreensão da própria existência. Isto é, ela problematiza e relativiza a ideia de novo através da consulta, do entendimento e da percepção da memória passada para ressignificar a construção de presente.

Em comunidades afrodescendentes de corpos em diáspora africana no Brasil, a memória é o eixo de sustentação e continuidade. Toda a sua organização e desempenho se dá, desde sempre, através da transmissão oral de saberes e de heranças culturais. O conhecimento é transmitido de anciãos para jovens, de *griots*<sup>9</sup> para *erês*<sup>10</sup>: A escuta dá-se no vento e no corpo, na observação e na audição como caneta para o corpo-papel. O corpo africano que cruzou o Além-mar e imergiu no movimento da diáspora africana, carregou em si a única coisa que o tornava vivo e total: a sua cultura e memória. Seria o corpo negro, então, a sua auto-museologia social? Seria a museologia social uma estratégia afro-orientada de sobrevivência?

---

<sup>8</sup> Espécie de pássaro fantástico que habita o imaginário Sul-africano. *Sansa Kroma* nasce e age como um símbolo de esperança e renascimento na subjetividade do sonho da juventude sul-africana.

<sup>9</sup> “Contadores de histórias, mensageiros oficiais, guardiões de tradições milenares: todos esses termos caracterizam o papel dos Griots, que na África Antiga eram responsáveis por firmar transações comerciais entre os impérios e comunidades e passar aos jovens ensinamentos culturais, sendo hoje em dia a prova viva da força da tradição oral entre os povos africanos (...) Nesse sentido, os Griots são os guardiões da palavra, responsáveis por transmitir os mitos, as técnicas e as tradições de geração para geração.” (PEREIRA, 2019).

<sup>10</sup> Termo alcunhado por comunidades negras para crianças pequenas e em processo formação e informação de saberes.

(...) as comunidades indígenas e afrodescendentes mantiveram suas memórias coletivas arraigadas em seu modo de vida cotidiano, como parte de sua existência e seu ser. Carregando a herança ancestral que remete a um horizonte histórico de larga duração, anterior ao descobrimento da América/encobrimento de *Ábya-Yala*, essas memórias alimentaram e alimentam a extensa resistência à dominação e ao extermínio e a afirmação da possibilidade de uma existência digna. (SIQUEIRA, 2016, pág. 89)

A escritora e contista Conceição Evaristo, intitulou o termo “escrevivência” a partir de sua própria condição enquanto corpo negro feminino e

atribui sua própria escrita marcada a partir de vivências das subjetividades contaminadas consciente, inconsciente e até ideologicamente enquanto condição de mulher negra e seus atravessamentos no Brasil.

O conceito de *escrevivência* possui como referência o termo histórico da escravização de povos africanos no Brasil. Seu pano de fundo é pensado como o outro lado da oralidade. Isto é, *escrevivência* é a apropriação da escrita daqueles que sempre trilharam trajetórias orais, ou, em um recorte maior, de mulheres negras escravizadas. “– A nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa grande, é para incomodá-los de seu sono injusto!” (EVARISTO, 2018). A escritora aponta que, as “Mães pretas”, quando em condição de escravidão e devido à sua enorme competência oral, eram obrigadas a contar histórias para adormecer os filhos dos “senhores de escravos”. Para ela, os negros, agora, com a possibilidade da escrita e a posse de um modo de fazer literário, não mais precisam contar histórias para ninar o sono da branquitude, mas sim bradar suas subjetividades e realidades aos ouvidos do opressor, acordando-o de seu sono injusto. (ALVES, 2019, pág. 19)

Falar em “escrevivência” é falar da autonomia das narrativas negras, de um corpo autônomo e detentor da posse da escrita de sua própria vida, literal ou figuradamente. “Escrever” é desenhar a existência de um corpo negro no mundo enquanto condição e experiência subjetiva e terminante, é

(...) traçar um corpo consciente de sua condição e experiência em sua existência no mundo e o quanto suas reminiscências (memórias) lhe formam e capacitam, permitindo o transbordamento da memória, estas articuladas às suas múltiplas narrativas, expressando poeticamente as subjetividades atravessadas enquanto condição de ser humano (ALVES, 2019, pág 20).

Para a museologia social e as “escrevivências”, a memória é o fundamento base de atuação e condição de existência. A museologia social, numa perspectiva de ação e navegação dentro de comunidades negras no Brasil, alicerça o cerco, o mapeamento e a legitimação da memória e da cultura como patrimônio de suas *escrevivências*, sejam elas comunitárias ou individuais. Trata-se da conservação, da permanência e da transmissão de negras narrativas no contexto coletivo e sua subsistência no Brasil, atuando na transformação social e sobrevivência do legado e da herança cultural ancestral negra.

(...) Em outras palavras, a Museologia Social é um processo de conhecer voltado ao sujeito, à coletividade da qual faz parte e seu meio. Essa reflexividade busca aproximar-se crescentemente da vida, a fim de desenvolver o compromisso com seu cuidado e sua preservação. Coerentes com as cosmopráxis dos povos originários e afrodescendentes (exemplificadas pelas ontologias do Bem-Viver e pela filosofia Ubuntu), esse processo cognitivo implica a busca de harmonia, complementaridade, beleza, justiça e equilíbrio e se expressa em linguagens poéticas multidimensionais, nas quais se entrecruzam oralidade e escrita, sons, canções, imagens e movimentos. A racionalidade construída por meio da Museologia Social é, portanto, uma racionalidade complexa e coletiva, um *sentipensar* (MORAES e TORRE, 2004) ou *corazonar* (GUERRERO ARIAS, 2010) em constante elaboração (SIQUEIRA, 2016, pág. 94).

Enfim, tratar de “escrevivências” e de museologia social é cuidar e manter os de saberes do corpo e do mundo pela escuta do sensível. Assim, ambas constituem

(...) um dispositivo valioso para a reconstrução das memórias e dos saberes comunitários, na produção da resiliência e do seu bem-viver. Integrada ao ensino, ela se torna uma ferramenta poderosa para reencontrar os sentidos do processo de conhecer, na orquestração polifônica de uma nova e ampla ecologia de saberes, mais apta a responder aos desafios que a atual crise civilizatória nos apresenta. (SIQUEIRA, 2016, pág. 97)

### Referências bibliográficas

- ALVES, Adnã Ionara Maria. *Okan-Ará-Orí: reflexões sobre ensino de dança a partir de Corpo e Ancestralidade, saberes nagôs de terreiro e suas escrevivências*. Monografia apresentada para o título de licenciatura em Dança; Orientação Dra. Mariana Baruco Machado Andraus. Universidade Estadual de Campinas: [s.n.], 2019. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=108494&opt=1&fbclid=IwAR1wKrDP6dHakCKoFihBWzx5hMvvRV3DKuaqmENLE4rDiJt97i9oMh4MS4>
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- PEREIRA, Joseane. *Griots: os contadores de histórias da África Antiga*. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/griots-os-contadores-de-historias-da-africa-antiga/> (acessado em 09/06/2019 às 15h13min)
- SIQUEIRA, Juliana Maria de. *MUSEOLOGIA SOCIAL E EDUCAÇÃO: o poder da memória para descolonizar o ensino*. Revista Fórum Identidades, (ISSN: 1982-3916) Itabaiana: GEPIADDE, Ano 10, Volume 22, Nº 22 | set.– dez. 2016